



O QUE VOCÊ JÁ DEIXOU DE FAZER POR SER MULHER? FOTOETNOGRAFIA DE PIXOS, HOSTILIDADES E ENFRENTAMENTOS NA CIDADE

WHAT HAVE YOU STOPPED DOING FOR BEING A WOMAN? PHOTOETHNOGRAPHY OF PIXOS, HOSTILITIES AND CONFRONTATIONS IN THE CITY

¿QUÉ HAS DEJADO DE HACER POR SER MUJER? FOTOETNOGRAFÍA DE PIXOS, HOSTILIDADES Y ENFRENTAMIENTOS EN LA CIUDAD

Erna Barros⁴⁶

Resumo

A identificação de espaços hostis à presença das mulheres no ambiente público da cidade é trabalhada neste artigo como forma de refletir acerca da resistência das grafiteiras a estes espaços através da reivindicação de uma agência na cidade por meio das imagens dos graffitis. A proposta é uma observação do graffiti como fenômeno urbano em diálogo com a estrutura da cidade, e um olhar sob esta cidade como espaço de disputas a partir de uma perspectiva de gênero. Para isso, busca-se como metodologia o registro fotográfico de intervenções na cidade de Aracaju-SE e a disposição dessas imagens em pranchas, a partir da metodologia da fotoetnografia em Robinson Achutti (1997) e das imagens postas em relação, Segundo Didi-Huberman (2010).

⁴⁶ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, mestra em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Professora do curso de Comunicação Social da UFS e integrante do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas - GERTs (UFS). E-mail: ernabarros@academico.ufs.br



Palavras-chaves: grafitti, gênero, hostilidade, cidade

Abstratc

The identification of spaces hostile to the presence of women in the city's public environment is worked on in this article as a way of reflecting on the resistance of graffiti artists to these spaces through the claim of an agency in the city through graffiti images. The proposal is an observation of graffiti as an urban phenomenon in dialogue with the structure of the city, and a look at this city as a space of disputes from a gender perspective. For this, we seek as a methodology the photographic record of interventions in the city of Aracaju-SE and the arrangement of these images on boards, based on the methodology of photoethnography in Robinson Achutti (1997) and the images put in relation, According to Didi-Huberman (2010).

Keywords: grafitti, gender, hostility, city

Resúmem

La identificación de espacios hostiles a la presencia de la mujer en el ámbito público de la ciudad se trabaja en este artículo como una forma de reflexionar sobre la resistencia de los grafiteros a estos espacios a través de la reivindicación de una agencia en la ciudad a través de imágenes grafiteras. La propuesta es una observación del graffiti como fenómeno urbano en diálogo con la estructura de la



ciudad, y una mirada a esta ciudad como espacio de disputas desde una perspectiva de género. Para ello, buscamos como metodología el registro fotográfico de intervenciones en la ciudad de Aracaju-SE y la disposición de estas imágenes en tableros, a partir de la metodología de la fotoetnografía en Robinson Achutti (1997) y las imágenes puestas en relación, Según Didi-Huberman (2010).

Palabras clave: graffiti, género, hostilidad, ciudad

1. Introdução

A experiência na cidade para a mulher é dotada de muitas limitações. Muitas delas são inevitavelmente particularizadas e atravessadas pela condição de gênero e a ameaça do assédio, por exemplo, é algo que via de regra determina os trajetos percorridos pelas mulheres no ambiente urbano, assim como seus horários de saídas, entre outras táticas adotadas para que a experiência feminina na cidade seja menos hostil.

O medo da cidade e a coragem no enfrentamento a ele estão presentes no transitar das mulheres no espaço urbano desde o caminho que percorrem para o trabalho, a escola, a academia, a creche, a padaria, etc. Espaços que se tornam lugares onde as intimidações de cunho sexual que as mulheres experimentam durante a vida limitam sua mobilidade no ambiente da cidade. Ou seja, o medo que toma de sobressalto uma mulher no espaço público é um medo transpassado pela sua condição de mulher, e é ainda, a principal emoção que gerencia a forma como os



trajetos no espaço urbano das ruas são estabelecidos. E quando a mulher é preta, pobre ou LGBTQIA+, essa hostilidade se intensifica ainda mais.

Dessa forma, este artigo tem como proposta a identificação dos espaços hostis à presença das mulheres no espaço público da cidade e a reflexão acerca da resistência das grafiteiras a estes espaços através da reivindicação de uma agência na cidade através das imagens dos graffitis. Para isso, a metodologia utilizada foi a observação dos usos cotidianos e discursos de grafiteiras na Grande Aracaju – SE, através do registro fotográfico de suas intervenções no ambiente urbano, percorrendo diferentes trajetos junto a fim de compreender a prática e as imagens do graffiti como ferramentas de representação, contestação e expressão feminina.

2. O feminino na cidade: assédio e hostilidades

Evitar o assédio e a intimidação masculina se torna uma luta diária para mulheres que encontram no seu transitar pela cidade um verdadeiro enfretamento social pois da porta de casa para fora, tudo é hostil: o assédio, o olhar malicioso, a cantada agressiva, mas também as estruturas de uma passarela fechada, uma rua mal iluminada, um ponto de ônibus sem estrutura, um terreno baldio, um ônibus cheio propenso ao assédio, tudo contribui para uma experiência limitante nos espaços da cidade.



Falo de formas de assédio no espaço urbano que incluem assobios, olhares intimidadores, comentários constrangedores, muitos deles de cunho sexual e revestidos “galanteios” ou “elogios”. Práticas que dificilmente entram nos dados estatísticos da violência contra a mulher, mas que fazem parte de uma lógica machista que guia comportamentos masculinos, ainda que os agressores não se deem conta de que estão cometendo assédio.

Mas falo também desta sensação de que o espaço público é violento, e que tem relação direta com uma urbanização e uma representação do espaço da cidade como sendo perigoso e ameaçador, principalmente aqueles que não são feitos para se estar ou circular, ou para se estar e circular em determinadas horas.

Mas quando o corpo feminino se mobiliza pela cidade, ele se torna uma forma de resistência. O corpo da mulher e sua presença, tanto quanto sua manifestação, confronta a cidade diariamente, a partir de diferentes articulações. Uma delas é a prática do pixo.

3. A prática da pichação como agência na cidade

Percebe-se a pichação (bem como graffiti, lambe-lambe entre outros) são agências das mulheres na cidade enquanto formas de resistir à esta mesma cidade. Esse enfrentamento através da imagem constitui um diálogo crítico com estruturas que reproduzem o pensamento de um dado planejamento arquitetônico da cidade, que é hostil à presença das mulheres. Assim, buscando dar “materialidade” a estas



imagens, apresento a seguir algumas delas, postas em relação através de pranchas fotográficas, que tem a proposta de serem pistas de um debate sobre o lugar da mulher na sociedade, ou ainda, de discussões de gênero impressas nos muros através da pichação.

Assim, o registro destes espaços pixados em muros da cidade de Aracaju (SE) foi apreendido como ferramenta para pensar parte de uma estrutura social ainda patriarcal, misógina e machista, adentrando nas nuances de uma cidade na qual a hostilidade surge também através uma dimensão visual. Dessa forma, o modo como apresento as imagens neste artigo, é parte de uma valorização da apreensão de conhecimento através da visualidade, e não apenas da tradição oral/escrita. Ou seja, as imagens fotográficas como instrumentos capazes de registrar, entender, e traduzir valores sociais. Assim, busca-se suscitar reflexões sobre o espaço urbano hostil à presença feminina e as imagens do pixo feito por mulheres, observando sua estética, os discursos pautados nos papéis de gênero

4. Pranchas fotográficas: graffitis, subjetividades e representação

Falar de imagem é mostrar imagem. Essa afirmação leva em consideração alguns direcionamentos metodológicos, como a proposta narrativa de Robinson Achutti (1997), a do "fotógrafo pesquisador", que perpassa a ideia da apresentação



das imagens da pesquisa como uma "sequencia narrativa visual", ou uma "série de fotos", montadas a partir dos registros realizados em campo. Aliada a essa proposta, agrego a ideia de Georges Didi-Huberman (2010), que busca "colocar as imagens em relação". Segundo Didi-Huberman (2010) quando colocamos imagens em relação umas às outras, estamos fazendo "uma montagem que une tempos distintos" e que possuem um significado, pois partiram de uma escolha não aleatória. Quando sugere que podemos usar toda e qualquer imagem para construir narrativas inteligíveis a partir de uma "conexão" entre elas, o autor defende a ideia de que "as imagens não falam de forma isolada", mas que elas são juntas uma "apresentação de diferenças". É o exercício de ver algo, e do lado desse algo, ver também algo aparentemente diferente e assim encontrar a conexão entre as duas coisas.

Assim, opto por apresentar neste texto Pranchas Fotográficas⁴⁷, dispostas em montagens que possam permitir ao leitor(a) a apreensão do tema pela via da imagem. Aponto assim para a ideia (DIDI-HUBERMAN, 2010) de que as imagens não falam de forma isolada, mas que precisamos colocá-las em relação umas com as outras, em um exercício de "entreolhar", encarando-as sob a perspectiva das relações de gênero que tem sido trabalhada ao longo do texto até então.

⁴⁷ Registros e montagem feitos pela autora (2016-2020, Grande Aracaju).



5. Pranchas fotográficas e as imagens do graffiti postas em relação em relação

5.1 Pichações na UFS, 2016, São Cristóvão (Grande Aracaju-SE)

Prancha 1

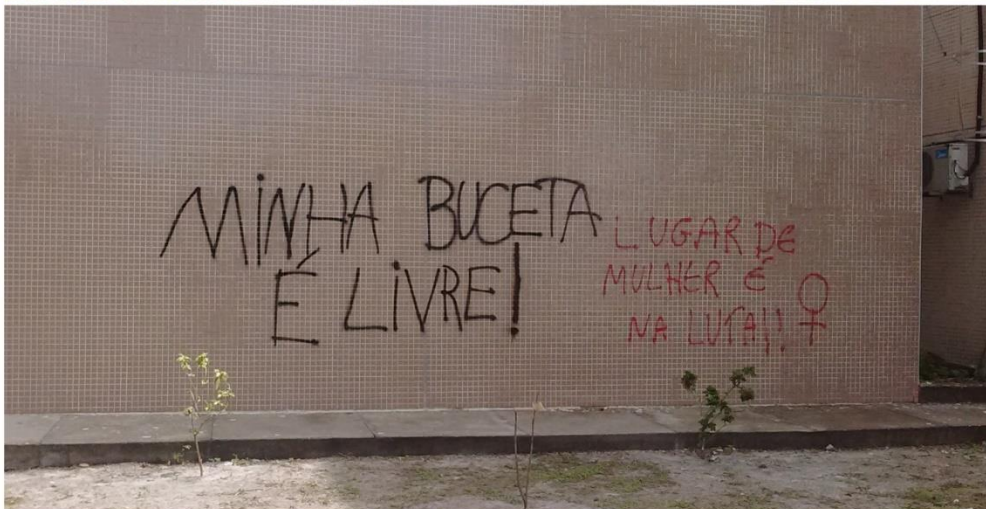
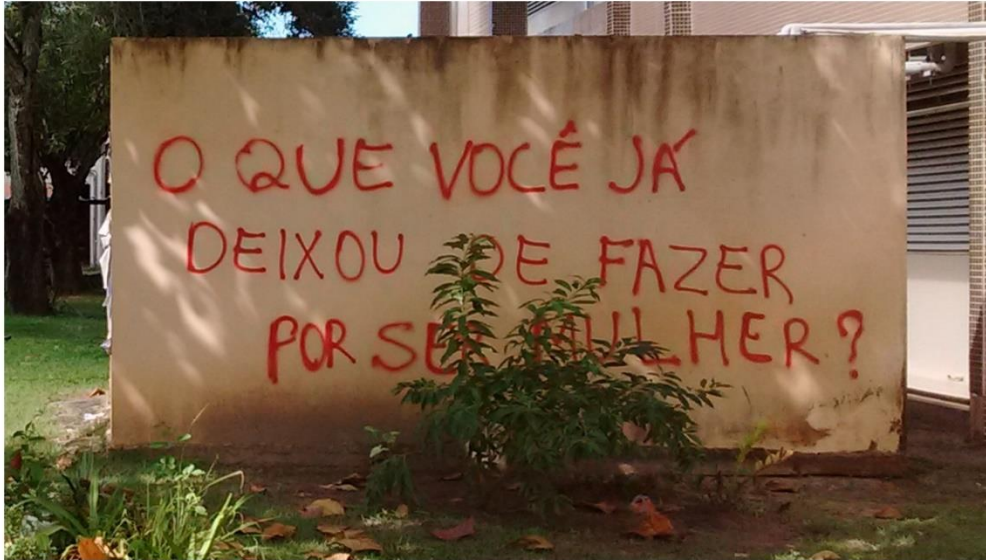




Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Prancha 2





Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Prancha 3





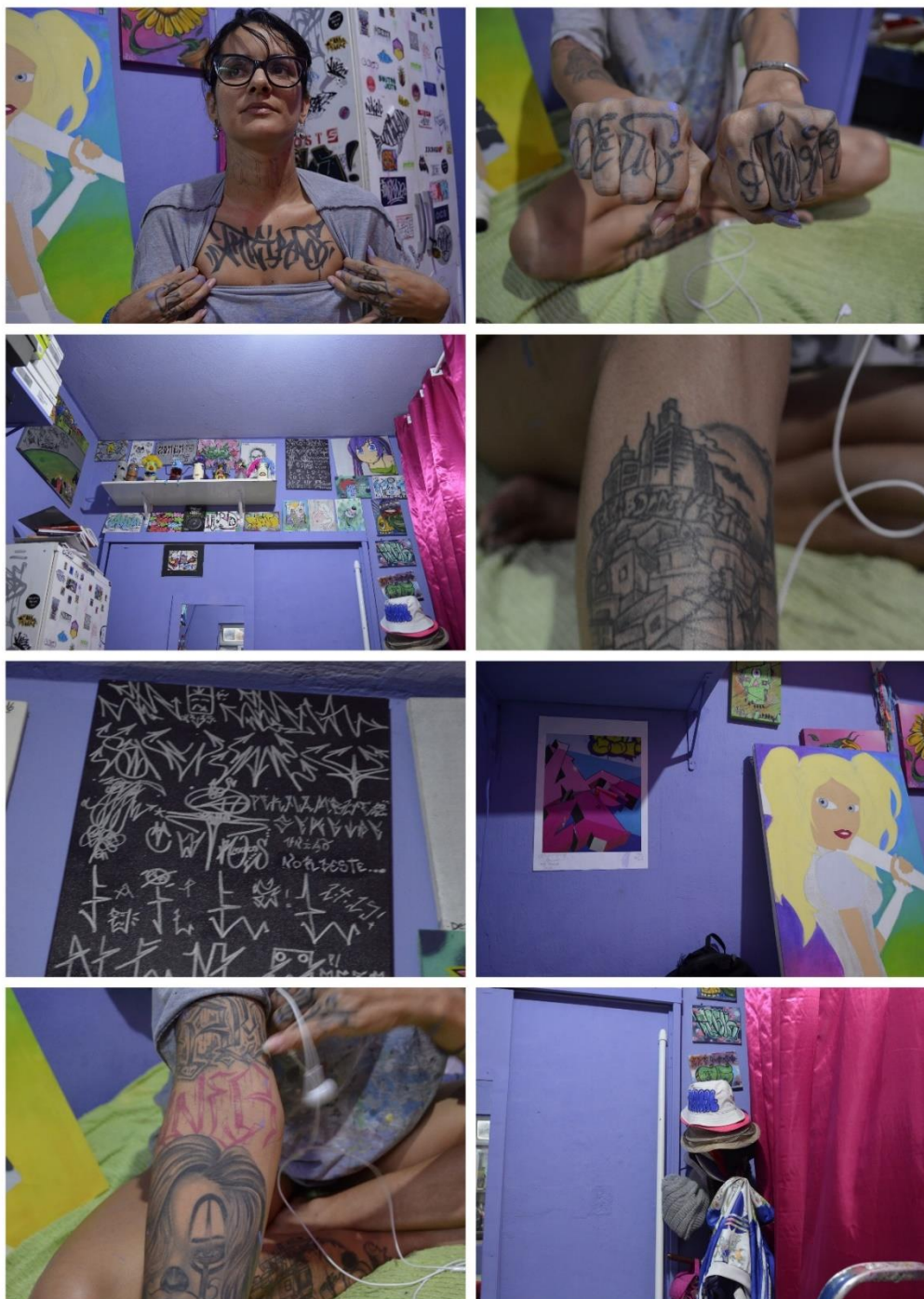
Prancha 4





5.2 Grafiteira Deza em Aracaju-SE, 2016

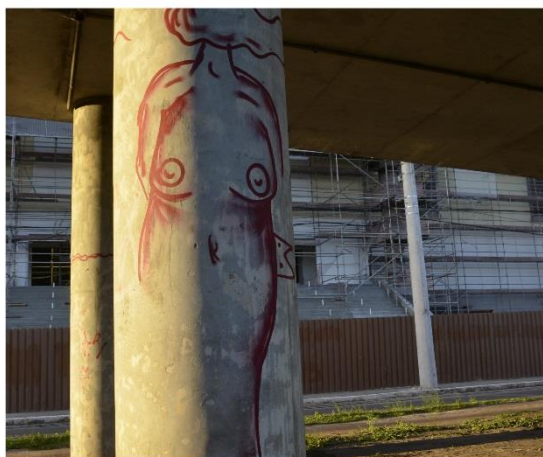
Prancha 5





5.2 Graffitis, pichações e lambes feitos por mulheres em Aracaju (SE)

Prancha 6





Considerações Finais

A linguagem do graffiti, sua estética, as ponderações dos discursos pautados nos papéis de gênero e as disputadas na cidade, pela cidade e através da cidade se moldam nessa organização final de imagens que propõe apresentar os percursos visuais das grafiteiras, o que foi produzido por elas nas ruas e os espaços pelos quais elas transitavam.

Como afirma Samain, (2005, p. 13), as imagens fotográficas são “não tanto como um objetos (uma imagem), e sim, uma maneira de ver e pensar”. Sendo então estas imagens dispositivos de um “pensar”, elas têm como proposta permitir ao leitor(a) acessar e dar sentido ao que é visto, permitir que ele preencha as lacunas das imagens convocando-as a dialogarem entre si.

As grafiteiras intervêm na visualidade das cidades a partir de dinâmicas muito particulares, disputas por espaços que se dão frente ao machismo da cidade, com discursos externalizados através do graffiti e da pichação em frases de protesto que falam por elas, gritam por elas.

A partir de Diógenes (2008, 2013, 2016) a linguagem dos muros e as narrativas estéticas que surgem nas cidades foram por mim percebidas como expressões gráficas repletas de significados. O paradoxo que se apresenta, frente ao que a autora chama de “uma escrita que não escreve” (2016, p. 304), no caso da pichação, permitiu-me relacionar a comunicação das imagens nas ruas com o que elas têm de



mais “indizível”: os sentidos que vão além daquilo que é visto. Muitos destes significados sociais, implícitos e também explícitos presentes em cada imagem, grafitada ou pichada nas ruas, foram compreendidos através das tensões provenientes da relação entre juventude, cidade e arte urbana.

O graffiti como uma prática de disputa e ressignificação dos espaços da cidade também possui uma esfera de atuação predominantemente masculina, na qual as mulheres, em sua maioria, também têm de disputar seu espaço entre os grafiteiros homens. Isso torna o diálogo entre graffiti, cidade e gênero um recorte sociológico que perpassa um entendimento de quais são e como funcionam as estratégias de quem vivencia essas disputas em seus fazeres cotidianos da cidade.

As fotografias apresentadas, anunciam, portanto, as referências imagéticas de uma cidade que “se rompe” diante dos olhos, e que sugere inquietações que se constroem através de um pensamento bastante visual. As imagens representam os “gritos” e os “silêncios” presentes em cada fotografia, observando a participação feminina nos muros, que sob uma perspectiva de gênero, revela as características de uma cidade a ser constantemente (re) descoberta.

Assim, cada imagem confere um conflito, e nos propõe um silêncio. Mas ainda que nos emudeçam momentaneamente, elas assumem um papel central de registrar a diversidade dos diferentes sentidos da cidade grafitada, pichada, reivindicada. Em seus silêncios, as imagens nos gritam a presença das relações sociais existentes na cidade, que quando vista sob uma perspectiva de gênero, recobrem-se de



significados esteticamente simbólicos e sociologicamente sintomáticos (Barros, 2022).

BIBLIOGRAFIA

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: Um estudo de Antropologia Visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, Palmarinca, 1997.

_____, Luiz Eduardo Robinson. Fotos e Palavras. Campo aos Livros in Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia: Arte e Antropologia. 2004. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto_achutti.pdf, Acesso em: 05 mai de 2022

BARROS, Erna. Uma cidade muda não muda: Mulheres, Graffitis e Espaços Urbanos Hostis. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022.

DIÓGENES, Glória. Arte urbana, juventude e educação sentimental: entre a cidade e o ciberespaço (experiências etnográficas). Ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes, agosto de 2013.

_____, Glória. Uma antropologia dos lugares e afetos. Iluminuras, Porto Alegre, v.12, n. 28, p. 41-70, jul./dez. 2011

_____, Gloria. Entre paredes materiais e digitais: eternidade e efemeridade da arte? Antropologizzando: arte urbana e graffiti em Lisboa, 2013. Disponível em



Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

<http://antropologizzando.blogspot.com.br/2013/06/entre-paredes-materiais-edigitais.html?q=Florescer+-+da+arte>. Acesso em 20 de abr. de 2020.

SAMAIN, Etienne (Org.). O fotográfico. São Paulo: SENAC, 2005.

_____, Etienne (org.). Como pensam as imagens. Campinas-SP: ed. Da Unicamp, 2012.